

## Marx e Freud em discussão

Muita gente vem discutindo, ao longo do nosso século, a respeito da relação que existe (ou que pode vir a existir) entre as contribuições que esses dois "monstros-sagrados" trouxeram para o autoconhecimento da Humanidade

Leandro Konder

**M**arx e Freud adotaram duas concepções do ser humano claramente diversas. Para Marx, o homem se faz a si mesmo pelo trabalho, embrião da práxis, atividade que se diversifica e lhe permite desfrutar de prazeres cada vez mais humanos. Para Freud, entretanto, o homem é compelido a se organizar em torno do trabalho para poder sobreviver, mas o trabalho não é prazeroso e a organização da civilização impõe aos seres humanos uma constante frustração, cerceando seus impulsos agressivos e libidinais, condenando-os à chamada "fantasia compensatória".

É possível alguma conciliação fecunda entre as duas propostas de abordagem filosófica da condição humana?

Enquanto os cientistas discutem sobre essa questão, acho que vale a pena nós recordarmos aqui alguns aspectos da vida dos dois pensadores, que pertenceram a gerações diferentes e foram levados a pensar certas questões em contextos históricos distintos.

Marx nasceu em 1818, quatro anos depois da batalha de Waterloo, em plena época da Restauração Monárquica e da Santa Aliança; nasceu num período extremamente reacionário da história da Europa. Sua adolescência, porém, já se deu num período de mudanças, marcado pela chamada "Revolução de 1830".

Com a industrialização, passaram a ser discutidas as idéias dos "socialistas utópicos". Marx, em Berlim, se entusiasmou pelas idéias de Hegel e, incentivado por seu amigo neo-hegeliano Bruno Bauer, fez um curso de doutorado para ingressar no mundo universitário; seu projeto era o de se tornar professor de filosofia e lecionar em Iena. Com a morte do imperador Frederico Guilherme III e a ascensão ao trono de Frederico Guilherme IV, entretanto, veio uma onda de repressão e Marx não pôde conseguir um lugar na universidade (e Bruno Bauer perdeu o lugar que tinha). Marx, então, em 1842 começou uma carreira de jornalista; e o jornalismo foi, ao longo dos vinte anos subsequentes, seu principal ganha-pão.

**Antes mesmo de seus atritos com o comunismo, porém, Freud já tinha tido ocasião de formular algumas reservas às concepções do marxismo**

Em 1842, quando se tornou jornalista e passou a trabalhar na "Gazeta Renana", em Colônia (logo se tornou o redator-chefe do jornal) Marx não era socialista e muito menos comunista: era um *democrata*. Como democrata, ele tinha restrições ao formalismo dos *liberais* conservadores, que se limitavam a lutar politicamente pela igualdade jurídica dos homens (a igualdade perante a lei); Marx sempre se preocupou com a luta pela criação de possibilidades *práticas* mais equitativas entre os homens, isto é, sempre se preocupou com as condições *econômicas* em que os seres humanos viviam.

Só depois que a "Gazeta Renana" foi fechada é que Marx sentiu a necessidade de radicalizar sua reflexão crítica sobre os problemas sociais. E a radicalização ocorreu quando ele foi, recém-casado, para Paris, no final de 1843. Em Paris, ao longo do ano de 1844, Marx entrou em contato com militantes do movimento operário francês, leu os autores socialistas e comunistas, tornou-se amigo de Engels. As teorias do "comunismo grosseiro", baseadas em sentimentos mesquinhos (de "generalização da inveja") e desprovido de base teórica, lhe inspiraram desprezo. Ele próprio, contudo, acabou por elaborar uma concepção do comunismo que afinal o tornaria famoso: o embrião dessa concepção se encontra nos "Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844", obra inacabada de Marx, que só veio a ser publicada em 1931.

Marx se convenceu de que o problema central era o da divisão social do trabalho, quer dizer, o da propriedade privada. Dividido o trabalho - sustentava ele - divide-se o homem. Os indivíduos dispunham da possibilidade de escravizar outros indivíduos e colocá-los a trabalhar para eles: com isso, tornava-se extremamente problemática a perspectiva de uma autêntica comunidade humana. As relações entre as pessoas se carregavam de hipercompetitividade em decorrência do antagonismo existente entre as diferentes classes sociais. Ao movimento operário cabia a tarefa de realizar uma revolução capaz de superar essa fragmentariedade da espécie humana e edificar a sociedade comunista. O comunismo seria a associação de seres humanos livres, indivíduos complexos, de rica vida interior, dispostos de recursos tecnológicos altamente desenvolvidos, organizados de tal ma-



neira que o Estado se dissolveria na sociedade civil autogerida, o Direito penal se dissolveria na sanção moral da comunidade, sumiriam as diferenças entre a cidade e o campo, seriam suprimidas as diferenças sociais entre homens e mulheres, as nações se aproximariam e dispensariam quaisquer controles de fronteiras, a excessiva especialização do trabalho não teria razão de ser etc. No comunismo, as relações entre os seres humanos comportariam atritos, contradições, mas em princípio se tornariam tão racionais e "transparentes" que a consciência deles não mais experimentaria necessidades religiosas. Com o desenvolvimento tecnológico, o trabalho físico e o trabalho intelectual se aproximariam, as diferenças entre os dois tenderiam a desaparecer.

Para chegar ao comunismo, porém, era necessária uma revolução social, uma transformação global e profunda das relações de produção, uma ação política liderada pela classe operária, capaz de derrotar a burguesia, encaminhar formas de transição socialista e promover a efetiva superação do modo de produção capitalista. Marx foi expulso da França, refugiou-se na Bélgica (onde ele escreveu as "Teses sobre Feuerbach", "A Ideologia Alemã", "A miséria da filosofia" e o "Manifesto Comunista"); a "Revolução de 1848", contudo, trouxe-o de volta a Paris e seus efeitos em escala europeia lhe permitiram inclusive voltar à Alemanha, onde, em Colônia, ele criou e manteve durante quase 1 ano, com um grupo de amigos, o jornal "Nova Gazeta Renana" (subintitulado: "Órgão da democracia"). Nesse período, Marx chegou a alimentar uma grande esperança em relação à rápida aproximação da revolução proletária na Europa. Logo, porém, a evolução dos fatos se encarregou de desfazer as esperanças do pensador revolucionário: a "Nova Gazeta Renana" foi fechada, Marx foi expulso e acabou indo morar em Londres, na Inglaterra, onde viveu o resto da sua vida (34 anos de exílio).

Quando Freud nasceu, em 1856, Marx tinha 38 anos e já contava com uma rica experiência de vida, já tinha participado de muitas lutas e estava marcado por amargas derrotas; vivia em uma situação de penúria, escrevendo artigos para o jornal norte-americano "New York Daily Tribune", preparando a sua "Contribuição à crítica da economia política" e se apoiando na ajuda financeira proporcionada pelo amigo Engels. Freud, portanto, pertence a outra geração. O clima político e espiritual da Europa era bastante diverso daquele em que Marx se formara. Depois da onda revolucionária de 1848, a burguesia europeia estabeleceu um controle bastante eficaz da vida política e conferiu enorme eficácia à ideologia dominante nas sociedades por ela controladas.

Ao longo da segunda metade do século XIX, vai ganhando terreno uma mentalidade de tipo *positivista* (em sentido lato), uma mentalidade "evolucionista" e "cientificista", que expressa a confiança das classes dominantes em sua capacidade de resolver eficazmente todos os problemas que podiam ser resolvidos (e se preservavam as bases de um acordo com a religião, à qual ficavam entregues os problemas que não podiam ser resolvidos). Na terminologia da dialética hegeliana, eram abandonadas as exigências totalizantes da razão e o pensamento se instalava no mero "entendimento": se limitava, resignadamente, aos "dados" e aos "fatos" (recusando-se a enxergar os "processos" pelos quais as coisas se inter-relacionavam e se transformavam, desde a gênese delas). As forças produtivas se desenvolviam, o otimismo se gene-

ralizava. O "Ocidente", orgulhoso de sua "superioridade" cultural, levava a "civilização" aos povos não-ocidentais, fazendo negócios muito lucrativos em detrimento deles.

Marx, em Londres, observava as mudanças, procurando com afincos os sinais de uma crise do capitalismo e de uma reativação do movimento operário. Em 1867 - quando Freud estava com 11 anos - Marx publicou o primeiro volume de "O Capital", início de uma implacável análise crítica do modo de produção capitalista. O livro, entretanto, teve escassa difusão: poucos chegaram a lê-lo, pouquíssimos o terão compreendido.

A adolescência de Freud transcorre numa época muito ruim para o movimento operário e para as organizações socialistas: nos anos de áspere repressão que se seguem à Comuna de Paris. A Associação Internacional dos Trabalhadores, que Marx ajudara a fundar em 1864, não chegou a durar 10 anos e desapareceu sob os golpes de seus adversários (bem como dilacerada por suas dissensões internas). Em 1875, Freud foi à Inglaterra, a Manchester, visitar seu irmão Philipp e sua sobrinha Pauline; estava, então, com 19 anos, era estudante de Medicina (só se formou em 1881); quem quiser, quem tiver gosto por fantasias desse tipo, pode imaginar que o moço Sigismund (ele só trocava um pouco mais tarde, aos 22 anos, o nome para Sigmund) tenha cruzado na rua com o velho Karl, sem que ambos tenham se dado conta um do outro.

Em 1879, quanto estava fazendo serviço militar, Freud traduziu um livro do filósofo inglês John Stuart Mill, por indicação de Brentano ao editor Gompertz. Dois dos ensaios do livro abordavam os temas do socialismo e da chamada "questão operária". Na época, todavia, o ensaio que parece ter interessado mais a Freud foi um estudo dedicado por Mill ao filósofo grego Platão.

Nos anos 80, o movimento operário obteve alguns êxitos importantes e se reativou, a ponto de permitir a fundação da Segunda Internacional, em Paris, em 1889. Marx, que tinha morrido em 1883 (quando Freud estava com 27 anos, não viu esse avanço; Engels, contudo, pôde acompanhá-lo até 1895 (quando também morreu). As duas últimas décadas do século passado assinalaram o encontro de algumas idéias fundamentais de Marx com o movimento operário; mas esse encontro, nas circunstâncias em que ele foi possível, levou a uma certa "adaptação" da perspectiva de Marx aos horizontes da classe trabalhadora tal como ela podia efetivamente assimilar tal perspectiva. A dimensão dialética do pensamento de Marx era muito drasticamente nova, contrariava um modo de pensar que vinha se consolidando através de vários séculos: em Marx, tal como já tinha acontecido em Hegel, a dialética parecia obscura.

O "marxismo", então, ao se difundir em larga escala, foi se tornando uma concepção da história que se combinava com critérios "evolucionistas" e "cientificistas" em geral (critérios que haviam criado raízes na consciência da massa trabalhadora dos principais países europeus). Pouco a pouco, na concepção materialista da história, tal como ela era atribuída a Marx, se atrofiava o espaço que originalmente era reconhecido à criatividade do sujeito humano; desapareciam as tensões ligadas ao reconhecimento de alternativas no processo histórico. No começo do nosso século, o gênero de Marx, Paul Lafargue, já podia definir, no título de um livro, a concepção da história do seu sogro como "O determinismo econômico de Karl Marx". No plano da teoria do conhecimento, igualmente, a

dimensão dialética das concepções de Marx cedia lugar a variantes do antigo "materialismo vulgar" (que o próprio Marx criticara com vigor): a consciência humana era representada em postura mais ou menos passiva, "contemplativa", registrando impressões sensoriais vindas de fora, estímulos provenientes do mundo exterior, "objetivo". O homem não era plenamente reconhecido em sua atividade de transformação do mundo e autotransformação (a *umwandelnde Praxis* das "Teses sobre Feuerbach").

O leninismo recupera, engenhosamente, esse aspecto do pensamento de Marx, mas só o faz no plano da ação política mais imediata: no âmbito da teoria do conhecimento, o Lênin de "Materialismo e Empiriocriticismo" (1909) resvala para o "materialismo vulgar". A partir de novembro de 1917, aliás, a leitura de Marx passaria a ser feita, inevitavelmente, à luz do novo Estado soviético, que Lênin fundou 34 anos após a morte do autor de "O Capital"; isso complicava certas coisas. Lênin e o bolchevismo, num dado momento, apareciam como um desdobramento inexorável de Marx. Claro, Lênin e o bolchevismo, tais como existiram, não seriam possíveis se Marx não tivesse existido antes. Mas daí não se infere que Marx tinha de desembocar inevitavelmente em Lênin e no Estado soviético (mesmo porque Marx teve outros descendentes, como Kautsky, a social-democracia, Rosa Luxemburg, Karl Korsch, o austro-marxismo, Walter Benjamin, a "escola de Frankfurt", Gramsci, etc.).

Freud não parece ter tido ocasião de entrar em contato direto com o pensamento de Marx, não parece ter tido condições para estudar a obra de Marx como um todo. Suas relações com as idéias de Marx ficaram limitadas a uns tantos pontos. E ficaram marcadas pela realidade histórica perturbadora do comunismo na União Soviética. "O comunismo e a psicanálise concordam pouco", dizia Freud (citado por Ludwig Marcuse). O comunismo - ainda segundo Ludwig Marcuse - era, aos olhos de Freud, "excessivamente dogmático". Os comunistas, após a morte de Lênin, passaram, por sua vez, a atacar com muita virulência a psicanálise. Thalheimer, do PC alemão, escreveu na revista "Unter dem Banner des Marxismus", que o freudismo era um "bacilo de putrefação".

**Freud desconfiava da idealização do comunismo e não achava que fosse possível uma sociedade sem coerção**

Antes mesmo dos seus atritos com o comunismo, porém, Freud já tinha tido ocasião de formular algumas reservas às concepções do marxismo. Em 1909, Alfred Adler trouxe idéias de Marx para as discussões que se travavam nas reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena; Adler via em Marx uma exigência no sentido de que a história passasse a se fazer cada vez mais conscientemente e procurava aproximar tal exigência da essência mesma dos objetivos da psicanálise. Freud não se entusiasmou com essa aproximação de marxismo e psicanálise ("Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society", ed. Herman Nunberg, International Universities Press, New York, 1962-1974, vol. 2, pp. 172-178). Mas o "marxismo" de Adler estava carregado de formulações típicas da ideologia dominante no âmbito da Segunda Internacional, estava marcado por insuficiências dialéticas gritantes, e se afastava muito da perspectiva do próprio Marx. Freud ficou com a impressão de que a concepção marxista da história era ingênua e simplista, pois supunha que a agressividade humana nascera com a propriedade privada e desapareceria com ela. Freud desconfiava da idealização do comunismo e não achava que fosse possível uma sociedade sem coerção.

Posteriormente, na segunda metade dos anos 20, o marxismo, como teoria, tornou a irromper nas discussões travadas entre os psicanalistas mais próximos de Freud, através de Wilhelm Reich. Evidentemente, não cabe aqui uma avaliação de uma figura tão rica e tão complexa como Reich. Mas convém dizermos logo que, independentemente do nosso reconhecimento do valor de seu instigante questionamento de uma série de instituições e valores naquele período, não o consideramos um fiel intérprete do pensamento de Marx. Reich fortaleceu as suspeitas de Freud, sustentando que no "comunismo primitivo" não havia propriamente agressividade nos homens e sustentando que o superego não tinha uma dupla função na civilização. A italiana Lucilla Ruberti afirma, num artigo publicado em março-abril de 1976 na revista "Crítica Marxista" ("Il dibattito su psicanalisi e marxismo negli anni venti e trenta") que, quando polemiza com o marxismo em "O mal-estar na Cultura" (Das Unbehagen in der Kultur, 1929), Freud está contestando Reich - e não Marx.

A mesma Lucilla Ruberti cita uma carta de Freud a R.L. Worrall, escrita em 1937 (e, portanto, escrita 2 anos antes de Freud morrer - exilado em Londres, tal como Marx), na qual se vê que o criador da psicanálise, no fim da sua vida, começou a descobrir que conhecia mal o pensamento de Marx. Freud escreveu: "Sei que os meus comentários sobre o marxismo não revelam nem um conhecimento aprofundado nem uma compreensão correta dos escritos de Marx e Engels. Fiquei sabendo, mais tarde, com certa satisfação, que nem um nem o outro negaram a influência dos fatores do ego e do superego. Isso desfaz o principal conflito que eu pensava existir entre o marxismo e a psicanálise."